



X Encontro da Internacional dos Fóruns  
VI Encontro internacional da Escola  
de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano [IF-EPFCL]

BARCELONA 13/16 setembro 2018

## PRETEXTO 9

---

### DO REAL ADVINDO PELA ANÁLISE

Elisabete Thamer

« *Sê quem tu és, aprendendo.* »  
Γένοι' οἷός ἐσσιμαθών.  
“*Werde, welcher du bist, erfahren.*”<sup>1</sup>  
Pindare, *Pythiques*, II, vers 72

Partirei de uma questão que foi colocada por Rithée Cevasco e Colette Soler, respectivamente nos *Pré-textos* 3 e 7, e que reformulo da seguinte maneira: Haveria advento – ou re-advento – do real *em e por* uma análise? Se é o caso, como isso pode acontecer em uma prática de fala? Quais são suas consequências?

No relatório do seminário “...ou pior”, Lacan afirma que o dispositivo analítico – inventado por Freud – é um procedimento “pelo qual o real toca no real”<sup>2</sup>. Ora, se o dispositivo analítico é, segundo Lacan, essencialmente a associação livre, devemos admitir que esta prática de fala comporta, em seu próprio exercício, o advento possível de um certo real. A afirmação de Lacan pode ser esclarecida através do matema do discurso analítico que ele articulou, e que inclui notadamente dois impossíveis. Um, o do “real *que toca*”, encontra-se escrito na parte superior do matema, entre a e  $\$$ , e descreve o procedimento analítico: o objeto causa a fala analisante, mas não pode dizer seu objeto nem colmatar a divisão do sujeito. O outro, o do “real *tocado*” pela análise, encontra-se escrito na parte inferior, com a barreira que separa verdade e produção (S2//S1). O S1, que o consideremos como significante primeiro, significante-mestre ou letra de gozo, não alcançará o S2, que o consideremos como significante segundo ou como saber. Isso

nos mostra que o próprio discurso analítico instala, no coração da experiência, as condições de possibilidade para que um certo real advenha *na* e *pela* análise.

Trata-se, contudo, de algo essencial para o final da análise?

Nos anos setenta, Lacan redefiniu o sintoma e o inconsciente, deslocando seu núcleo essencial para o real: “O sintoma é real<sup>3</sup>”. O interesse dessa mudança de direção é, portanto, clínica e interessa intimamente ao final de análise e ao passe. Como a análise poderia “tocar no real”, senão por um novo advento do real, desta vez advindo no tratamento?

Uma análise não pode evidentemente reeditar ou voltar atrás com relação a um advento do real prévio a esta. Ela não pode, tampouco, levantar o que está *Urverdrängt* nem liberar o acesso à letra do sintoma coalescente, o que, por definição, me parece impossível. O que está em jogo é que o analisante possa conseguir apreender, pela análise, que é o real que está no coração de seu sintoma assim como das outras formações de seu inconsciente. Não há final de análise sem que o analisante tenha podido provar, nos dois sentidos do termo, que o substrato de seu inconsciente é real, o que inclui, portanto, o sintoma refratário ao deciframento.

Isso não é algo simples de se obter, pois o ser falante sempre teve propensão a dar sentido a tudo o que lhe acontece, a decifrar seus sonhos e nós dispomos de abundantes testemunhos antigos que vão nessa direção (cf. o sátiro/*sa-Tyr* de Alexandre ou os *Discursos sagrados* de Aelius Aristides<sup>4</sup>). Existem muitos exemplos que corroboram o que Lacan afirmou, no mesmo texto “...ou pior”, ou seja, que o inconsciente tem no simbólico “sua matéria pré-formada<sup>5</sup>”. O desafio da análise é então o de responder de outro modo à demanda de interpretação, à demanda de sentido, isto é, de interpretar de outra maneira, de modo que, ao final, se produza um corte definitivo do “turbilhão de semantofilia<sup>6</sup>” no qual o sujeito estava fissurado.

Segundo as indicações de Lacan, confirmadas em certos testemunhos de passe, o saber inconsciente próprio ao ICSR, ou seja, fora de sentido, é um saber *que se manifesta*. Ele se manifesta como fora de sentido no tempo restrito de sua própria manifestação, ou seja, em um lapso de tempo reduzido, como um clarão<sup>7</sup>, pois não há frequência possível desse real. Que esse saber se manifeste quer dizer que ele escapa, pela primeira vez, às elucubrações interpretativas *hystorisantes* da análise.

Esse momento realiza, ao mesmo tempo, um corte com relação ao sentido e ao saber suposto ao analista. Eu situaria, aí, o fruto do discurso analítico pois, colocando um termo às expectativas transferenciais, esse advento do real promovido *pela* análise abre o caminho para a identificação com o sintoma ou, dito de outro modo, ao que resta a suportar.

O inconsciente sempre foi “real”, do início ao final da análise, o problema é que o ser falante transforma todos os seus gozos em sentido. Disto provém uma dimensão do final de análise que a estrutura do discurso analítico não pode programar, pois cada sujeito tem mais ou menos propensão a gozar do sentido e da busca da verdade.

Esse retorno ao fora de sentido, certamente efêmero, marca contudo um ponto de não retorno da demanda analisante, cujos efeitos se encontram do lado do sujeito: surpresa alegre, deflação irrevogável do gozo do sentido (*joui-sens*). É isso que constitui a prova do final, e não as elucubrações que podemos fazer sobre o que ocorreu.

Esse re-advento do real na análise, pelo fato de esclarecer a real natureza do precedente, traumático (*troumatique*), inverte o sintoma-tipo que lhe correspondia: não mais angústia, senão afetos agradáveis, que os chamemos entusiasmo, satisfação, alegria... *Efetos* (efeitos e afetos) positivos que, afetando o sujeito e seu corpo, são signo de que sua análise terminou<sup>8</sup>. O sujeito poderá enfim deixar ao real o que pertence ao real.

---

<sup>1</sup>Píndaro, *Odes Píticas II*, verso 72, trad. C. L. Bonturim Antunes, in C. L. Bonturim Antunes, *Métrica e Rítmica nas 'Odes Píticas' de Píndaro*. Tese de doutorado em Letras. Universidade de São Paulo, 2012, p. 220; trad. alemã de Friedrich Hölderlin, in *Sämtliche Werke und Briefe*, v. 3. Berlim: Aufbau Verlag, p. 278.

<sup>2</sup>J. Lacan, “...ou pior”, in *Outros escritos*, trad. V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 545.

<sup>3</sup>J. Lacan, *O seminário « RSI »*, inédito, lição de 19 de novembro de 1974.

<sup>4</sup>Sobre o sonho de Alexandre, ver S. Freud, “A interpretação dos sonhos”, in *Obras completas*, vol. IV, Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976, p. 134, nota 1; Aelius Aristide, *Discours sacrés*, introd. et trad., A. J. Festugière. Paris: Macula, 1986.

<sup>5</sup>J. Lacan, “...ou pior”, em *Outros escritos*, op. cit., p. 545.

<sup>6</sup>J. Lacan, “O aturdido”, em *ibid.*, p. 497.

<sup>7</sup>Ver J. Lacan, “Intervention de Jacques Lacan. Séance du vendredi 2 novembre (après-midi)”, em *Lettres de l'École Freudienne*, 1975, n° 15, p. 69.

<sup>8</sup>Sobre o neologismo em francês “effect”, ver C. Soler, *Les affects lacaniens*. Paris : PUF, 2011, p. VIII.